

Carolina Muzilli ou a costureira que não deu o “mau passo”*

Norberto Osvaldo Ferreras**

Resumo

A trajetória individual de Carolina Muzilli permite iluminar as transformações da cidade de Buenos Aires e a conformação do movimento operário. Costureira e empregada na indústria doméstica, iniciou-se na militância e aproximou-se do anarquismo, mas logo inclinou-se pelo emergente Partido Socialista no qual se manteve até 1915, quando se afastou para formar o Partido Socialista Argentino. De origem proletária, alcançou os círculos acadêmicos e universitários sem qualquer tipo de formação e tornou-se uma entusiasta palestrante. Sua ascensão social não foi acompanhada pelo ascenso econômico e manteve-se sempre com seu trabalho como costureira, com o qual mantinha ainda uma revista – *Tribuna Femenina*. Suas preocupações principais estavam relacionadas com a mulher e a criança, mas não deixou de analisar as instituições partidárias como a cooperativa *El Hogar Obrero*.

Palavras-Chave: Partido Socialista Argentino, Buenos Aires, Feminismo, História Social.

* O nome do artigo faz referência ao tango escrito por Evaristo Carriego na década de 1910 – *La costurerita que dió el mal paso*. Recebido para publicação em maio de 1999.

** Doutorando no Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e pesquisador do Centro de Estudos das Migrações Internacionais (CEMI), Unicamp. E-mail: nferreras@yahoo.com

Carolina Muzilli

Carolina Muzilli or the Seamstress
Who didn't go the "Wrong Way"

Abstract

The individual trajectory of Carolina Muzilli allows one to think about transformations of Buenos Aires and the formation of the workers' movement. Seamstress and worker in the domestic industry, she began her militancy in close contact with anarchism, but soon entered the new Socialist Party, where she stayed up to the division in 1915. From a working class family, she reached intellectual and university groups, where she became an important lecturer. On the other hand she continued working as a seamstress, and with her work she maintained her political and intellectual activities and assisted publications like the journal *Tribuna Femenina*. Her main concerns were women, motherhood, and childhood, but she also focused on socialist politics or institutions, like the cooperative *El Hogar Obrero*.

Key words: Argentine Socialist Party, Buenos Aires, Feminism, Social History.

Norberto Osvaldo Ferreras

Santa Carolina de los niños pobres
que visten harapos, juegan a los cobres
y llevan los estigmas de la perdición,
yo recuerdo como tu corazoncito
vibraba de pena por el pobrecito,
que no tiene casa ni tiene perdón.
(...)

Era tu fe pura y noble, fervorosa,
con el misticismo de una roja rosa
que arde entre las sombras, de sacro ideal,
y si esa fe no era la fe del que reza
tenía la misma divina pureza
de Santa Teresa, la santa inmortal.
(*Responso a mi hermana muerta*, José Muzilli)

À procura de Carolina Muzilli

Dias depois do falecimento de Carolina Muzilli, 26 de maio de 1917, o jornal liberal *La Prensa* publicou o seguinte obituário:

Ha fallecido en Bialet Masset (Córdoba), la señorita Carolina Muzilli, activa propagandista de los ideales sustentados por la clase obrera, a los que consagró su vida y a los que dedicó todos sus afanes.

De origen humilde descolló en su labor intelectual gracias al singular tesón que siempre puso en sus estudios jurídico y sociales, en los cuales sobresalió sin tener título universitario alguno.

Se destacó siempre por su espíritu de organización y de trabajo, y fue uno de los principales elementos que intervinieron para asegurar feliz éxito al congreso nacional del niño reunido en Buenos Aires en 1913, en una de cuyas secciones presentó un estudio titulado: *El trabajo de la mujer y el niño. La madre y el menor obrero. Alcoholismo*, que obtuvo por sus grandes méritos el gran diploma de honor y el único premio en dinero.

Carolina Muzilli

En la exposición internacional de Gante presentó ese mismo año otro estudio llamado: *El trabajo femenino*, que mereció diploma y medalla de plata. Poco más tarde presentó otro estudio en la exposición de San Francisco de California en 1915, que fue premiado, también, con diploma y medalla de plata.

Su labor intelectual no solo se circunscribe a esas obras, sino que escribió también *El divorcio* con prólogo de Agustín Alvarez, *La madre obrera*, *El menor obrero* y *Por la salud de la raza*.¹

Poucos dias antes outro periódico, desta vez anarquista, lembrava a figura de Carolina Muzilli como o arquétipo do militante revolucionário, uma pessoa diferente do conjunto dos militantes socialistas:

A Carolina Muzilli, mujer socialista, con gran fe en la obra regeneradora del Estado, respetamos, porque entre la gran masa que han ido al Partido Socialista a nada más que para alcanzar posiciones que en otros partidos no habrían alcanzado quizá, ella, representaba un apostolado verdadero, como el de los primeros socialistas, cuya obra se hacía entre el pueblo y no tenían otro salario de alegrías que la obra misma. Hay una gran diferencia entre esta mujer que ha muerto joven y tuberculosa en un sanatorio, y los sobre ricos, bien alimentados y bien remunerados parlamentarios del partido (...). Por ella puede amarse al socialismo, no en lo que tiene de aspirante al gobierno, sino de verdadero amor esparcido y derramado entre el pueblo (...). Ay! si, ella creía en la obra regeneradora de aquellos lucientes y endiosados parásitos, cuyo fin de la política los hacía hacer aceptar cosas que iban contra el interés de los trabajadores (...), pero su obra misma, con no ser mentirosa, con ser sincera, era una alegato contra la eficiencia de las leyes, y una revolucionaria afirmación de

¹ Carolina Muzilli. *La Prensa*, lunes, 26 de Marzo de 1917, p.10.

que toda regeneración ha de venir del pueblo y no de nada más, porque todo lo demás no alcanza a ser ficción.²

Num dicionário biográfico encontramos a seguinte referência:

Carolina Muzzili.- En los círculos intelectuales y políticos ocupó un lugar de privilegio. Afiliada al Partido Socialista, su prédica encendida la señalaba como uno de sus más positivos valores (...) Halló una actividad acorde con los imperativos de su espíritu, ya que el destino de la mujer y el niño eran para ella permanente motivo de preocupación en su cargo de inspectora del Departamento Nacional del Trabajo, tarea que le permitía consagrarse a la solución de múltiples conflictos, en su frecuentación de los conventillos de los barrios fabriles. En aquellos oscuros sitios, su encendido espíritu siempre arrojaba una luz o reparaba una injusticia. Murió en Biale-Masset, Córdoba, aún joven, víctima de su prodigalidad, el 24 de marzo de 1917.³

Quem era Carolina Muzilli? As diversas apresentações mostram uma pessoa de origem humilde que consegue se superar e falar pelos seus num tom respeitado pelos intelectuais, uma pessoa de espírito infatigável. Mas é isso mesmo? E só isso? Como chegou a conformar-se essa personalidade? Estas são algumas das perguntas a enfrentar. A principal é quem foi Carolina Muzilli?⁴

² Carolina Muzilli. *La Obra*, nº 1, 20/V/1917.

³ PICCITILLI, Ricardo *et alii*. *Diccionario Histórico Argentino*. Buenos Aires, Históricas Argentinas, 1954, tomo V. Conceitos similares aparecem em ABAD DE SANTILLÁN, Diego. *Gran Enciclopedia Argentina*. Buenos Aires, Ediar, 1959, tomo V.

⁴ O respeito manifestado por esta mulher é duvidoso quando seu sobrenome aparece grafado de várias formas: Muzilli, Muzilli, Muzelli e outras variantes. Vamos desconsiderar que sejam pessoas diferentes e avaliar o grau de consideração que se tinha por Carolina.

Carolina Muzilli

Em busca de Carolina Muzilli

Para responder esta pergunta temos vários caminhos possíveis. Início com as informações das crônicas necrológicas. Nelas, a pessoa é um todo coerente: começa sua vida, cresce, atravessa a infância, a adolescência, para tornar-se adulta, faz o que tem que fazer, depois a velhice e, por fim, a morte. O que pode revelar uma vida assim apresentada? Uma trajetória individual. A agradável narração de uma vida interessante ou a apresentação, muitas vezes tediosa e previsível, de uma pessoa comum. Saber o que uma pessoa fez – não mais que isso – sem poder saber os porquês de seu comportamento, ou ainda se tinha outras alternativas.

Se pudéssemos, então, analisar as distintas opções que as pessoas têm e como elas se comportam diante das mesmas, seria possível também compreender como se constrói o sujeito e como o mesmo se transforma no decorrer de sua vida. Mas as pessoas defrontam-se, a cada escolha, com um número finito de opções, providas pelos limites da sociedade na qual se encontram submersas. O entrelaçado de relações sociais, econômicas e políticas, no qual o indivíduo entra involuntariamente, condicionam, pressionam e impõem certos limites e alternativas, como mostra Thompson.⁵

Isolar o indivíduo, sobretudo se este é uma personalidade pública, resulta numa falta de compreensão dos seus movimentos e da sua própria particularidade. Que coisas o fazem único ou diferente se desconhecemos o que pode ser esperado dele? Quais são os limites que podem alcançar na sua particularidade, sem que seja considerado fora das margens da sociedade ou de seu grupo social de origem?

⁵ THOMPSON, E. P. *A formação da classe trabalhadora inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988 – Introdução, vol. 1, pp.10-12.

Esta é minha preocupação com Carolina Muzilli. Uma moça de família operária que se tornou jornalista, editora, dirigente feminista, militante socialista e ainda trabalhou numa das repartições do Estado ligadas às questões operárias – Departamento Nacional del Trabajo (DNT) – tanto no período conservador, como no radicalismo⁶, sem ter abandonado seu grupo de origem, trabalhando numa das indústrias mais desprotegidas e desorganizadas – a indústria doméstica –, causando sua morte, de tuberculose, aos 28 anos.

Como se produziu este desdobramento na vida de Carolina Muzilli? Por que sua atividade concentrou-se na área política e jornalística e não no sindicalismo? Por que não continuou resignadamente sua vida como trabalhadora na indústria doméstica? Por que optou pelo socialismo e não pelo anarquismo? Talvez sejam perguntas demais para alguém que deixou poucos registros pessoais e em nenhum deles interrogou-se sobre suas condutas. Na falta de explicações da própria Carolina, terei de procurá-las.

Carolina no “País das Maravilhas”

Carolina Muzilli nasceu em Buenos Aires, em 1889, numa família operária. Nesta época, Buenos Aires atravessava um processo de rápida modernização, tendo como modelo as capitais européias e, mais precisamente, aquela que era A capital da Europa – Paris.

Vinte anos antes a situação era diferente. A grande epidemia de Febre Amarela revelava a falência da infra-estrutura urbana. Sem esgotos e com a água de poços artesianos dentro das casas, a enfermidade propagou-se velozmente. Além disso, o convívio de ricos e miseráveis, limitados a poucos quarteirões,

⁶ Me refiro a Unión Cívica Radical (UCR), partido das classes médias, fundado na década de 1890 e principal concorrente do socialismo, que chega pela primeira vez ao governo em 1916 com Hipólito Irigoyen.

Carolina Muzilli

partilhando o mesmo tipo de residências – baixas, escuras e pouco arejadas –, tornou-se fator de reprodução da Febre Amarela. Os *porteños* abastados procuraram casas fora da cidade, porém o estrago estava feito e poucas famílias tradicionais escaparam sem prejuízos, criando no governo a urgência de sanear a cidade e a memória coletiva é marcada por uma grande catástrofe.

Esse foi um forte chamado de atenção para as elites e deu início aos planos para transformar a cidade. O plano, além do embelezamento, tinha como meta transformar Buenos Aires. A velha zona sul, com distritos como San Telmo, onde anteriormente moravam as famílias tradicionais, foi literalmente abandonada pelas famílias abastadas, que se deslocaram para o Norte – Palermo, Socorro e Pilar. Nesses novos bairros, esgoto e água potável eram comuns em 1890, além de grandes parques, um dos quais, Parque Palermo – uma réplica dos *Bois de Boulogne* –, onde foram construídas as grandes e refinadas mansões das famílias que enriqueciam com a produção de cereais, carnes e lãs, com as finanças ou com o comércio.

Na zona sul, os velhos casarões passaram a alimentar a especulação urbana e foram transformados em oficinas ou em *conventillos* (cortiços), dividindo os quartos e as salas, onde apertavam-se as famílias operárias e imigrantes, chegando a morar mais de 8 ou 9 pessoas em cada um dos pequenos quartos. Neste único ambiente cozinhavam, comiam e dormiam. O *conventillo* foi o alvo dos reformadores sociais que, segundo eles, era uma fonte de degradação física e moral.⁷ O moderno saneamento urbano do Norte era inexistente no Sul. O primeiro

⁷ A quantidade de *conventillos* chegava a 2.462 em 1904, nos quais moravam aproximadamente 150.000 pessoas do milhão de habitantes de Buenos Aires. Segundo as estatísticas moravam em média 3,6 pessoas por quarto. Ver: Vivienda Obrera – Densidad de Población. *Boletín del Museo Social Argentino*, nº 95, Buenos Aires, 1920, tomo IX, p.144.

número do jornal socialista *La Vanguardia* descrevia a cidade dividida:

De un lado está la Avenida Alvear, y del otro un inmenso barrio de conventillos. (...) En el primero, vive una clase rica e indolente cuya única ocupación es disfrutar y derrochar su lujo insolente, lo que contrasta con una clase obrera que después de una vida de trabajo no tiene otra esperanza que la miseria.⁸

Não obstante, a imigração começava a afluir em grande escala, atraída pelas possibilidades de trabalho⁹ e pelas promessas feitas nas agências imigratórias da Argentina, que publicavam anúncios nos jornais europeus:

PASAJES SUBSIDIADOS para la REPÚBLICA ARGENTINA (BUENOS AIRES). Los que deseen, recibirán gratuitamente toda clase de noticias dirigiéndose al Director de la Oficina oficial de Información en Madrid, calle del Desengaño, núm. 27 segundo izquierda.¹⁰

⁸ *La Vanguardia*, 7 de abril de 1894, apud WALTER, Richard. *The Socialist Party of Argentina. 1890-1930*. Austin, The University of Texas Press, 1977, p.3.

⁹ Entre 1857 e 1941 chegaram na Argentina, aproximadamente, 6,5 milhões de pessoas das quais ficaram 3,5 milhões, sendo que os maiores saldos migratórios concentraram-se entre 1903 e 1913. A proporção de estrangeiros na cidade de Buenos Aires estava assim configurada: em 1895, 52% da população; em 1909, 45,5% e em 1914, 49,3%. A partir de então começa a decair.

¹⁰ Esse anúncio aparece em vários números do jornal de Granada (Espanha), *El Defensor de Granada*, durante 1889. Nesse ano, o Estado argentino distribuiu na Europa 100.000 passagens subsidiadas (pagas pelo próprio Estado). Ver CONTRERAS PÉREZ, Francisco. Recluta masiva de emigrantes andaluces y su inserción social en Argentina (Siglo XIX). Nuevas notas para su estudio. *Anuario de Estudios Americanos*, Sevilla, vol. LIII, n° 2, 1996, p.179. A agência tem o sugestivo endereço de *calle del Desengaño*.

Carolina Muzilli

A expansão da produção de cereais, lãs e, em menor medida, de carnes atraíram tanto a imigração quanto a modernização da cidade, que se consolidava como o principal centro urbano do país.¹¹ Nos anos finais do século XIX, as principais centrais ferroviárias estavam sendo construídas para trazer, ao recém inaugurado porto de Buenos Aires (Puerto Madero), a produção da Pampa Úmida – Santa Fe, Córdoba, La Pampa e Buenos Aires –, de outras regiões que abasteciam de matérias primas a construção civil (pedras e cimento do centro da província de Buenos Aires, madeiras duras da região do Chaco e de Misiones) e de alimentos (vinhos e azeites de Mendoza e San Juan, *yerba mate* de Corrientes e açúcar de Tucumán) à cidade, em constante crescimento, e ao resto do litoral.

Porém, em Constitución, bairro em que nasceu e cresceu Carolina, as reformas chegavam aos poucos: a imponente Estação do Ferrocarril del Sud estava ainda em fase de acabamento e era uma espécie de monumento ao futuro próximo. Excetuando a Estação, a Estrada de Ferro e o bonde a cavalos, não se registravam outras melhoras nesses arrabaldes.

Na época, Constitución era um bairro de casas habitado por famílias de operários qualificados, de artesãos e de classe média baixa de Buenos Aires compostas de pequenos comerciantes, do centro da cidade e do próprio bairro, funcionários públicos dos bancos e também aqueles das grandes lojas de departamentos. Embora não fosse um bairro de moradia operária, as mesmas não estavam muito longe de Constitución e, inclusive, alguns *conventillos* espalhavam-se pelo bairro. Apenas alguns quarteirões o separavam de San Telmo, ao Leste, de Barracas, ao Sul e, um pouco além, La Boca – principais concentrações de trabalhadores e imigrantes recém-chegados.

¹¹ Em 1895, Buenos Aires concentrava 34,3% da população da Argentina; em 1914 caía para 32,9%, sendo que a maioria dos imigrantes declarava trabalhar em tarefas agrícolas.

À procura de um lugar próprio

Nessa mistura, cada vez maior, cresceu Carolina Muzzilli. Seu pai era um operário qualificado da construção, embora não tenhamos muitas certezas sobre ele e o resto da família. Mas certamente teria de sê-lo para poder manter uma família numerosa – cinco filhos, três mulheres e dois homens – e enviar todos eles para a escola. De todos, pelo menos Carolina freqüentou o Liceu – Escuela Normal del Profesorado de Lenguas Vivas –, onde aprendeu a falar e ler italiano fluentemente. Mas o nascimento de uma nova filha não podia ser do agrado do pai de Carolina que, com um rapaz e duas moças, precisava de pelo menos um outro rapaz para ajudar na manutenção futura de uma família numerosa.

Nesse bairro ela conheceu *la calle* (a rua), principal local de divertimento e sociabilidade das crianças, onde os de mais idade tomavam conta dos menores. Ali, misturou-se com crianças de origens sociais diversas. *La calle* formava o entrelaçado social que acompanharia o indivíduo entre a sua primeira infância e grande parte da adolescência, aí estabeleciam-se amizades intersociais que poderiam ajudar no momento de procurar trabalho.

A rua também tinha outras funções na vida de uma pessoa: era um foco de divulgação das novidades, de conhecimento das pessoas e personagens da vizinhança – o sapateiro, o padeiro, o açougueiro, o louco, o pedreiro, as donas de casa e, entre outros, os velhos, que eram poucos no período. Algumas destas pessoas eram sumamente importantes num mundo em que o crédito operário baseava-se em agradar os pequenos comerciantes da vizinhança. Os filhos de imigrantes aprendiam o castelhano, antes de tornar-se, alguns anos mais tarde, língua obrigatória na escola pública. Estes grupos de crianças exploravam os limites do próprio bairro e experimentavam as pequenas nuances que separavam um bairro do outro, mas também participavam de um aprendizado rápido de muitos dos aspectos que seriam úteis num

Carolina Muzilli

futuro próximo, quando entrassem para o mercado de trabalho, se já não estavam nele submersos .

No tiene donde tenerlo; ial fin y al cabo que vaya haciéndose hombre, – como reza la expresión vulgar – como ella fue haciéndose mujer, y como a hombre llegó su padre!

Demasiado chico para el taller, sin colegio que lo retenga, sin tiempo para consagrarle, sin casa que ofrecerle: he ahí al menor de nuestras calles, que desaparece al entrar la noche, – menor desocupado simplemente, pero no menor vago, porque cuenta con un techo y un hogar.¹²

Nesse pequeno mundo infantil, ela era a exceção. Carolina preferia brincar com os rapazes do bairro em vez de brincar com outras meninas. As *bolitas* – bola de gude –, o *trompo* e as brincadeiras coletivas, entre outras, uma combinação de habilidade e esperteza, atraíam sua atenção tanto como as brigas posteriores, resultado de pequenos enganos e trapaças. Apesar de estar ali para tomar conta de José, o irmão caçula, este mundo a fascinava e marcava sua conduta, comportando-se como um rapaz, o que lhe ocasionava problemas na escola. Ela cresceu junto das crianças que já ganhavam uns trocados como *canillitas* (vendedores de jornais), engraxates, pequenos ajudantes dos vendedores ambulantes ou nos armarinhos, carregando pesadas cestas, e ainda aqueles que tinham ingressado para o aprendizado nas oficinas.¹³

Assim, ela aproximou-se da dura realidade das crianças de famílias operárias, conhecendo seus sofrimentos, incertezas e padecimentos, apresentando-lhes as injustiças de uma sociedade

¹² MEYER ARANA, Alberto. Protección a la infancia. *Boletín del Museo Social Argentino*, nº 81-84, Buenos Aires, 1918, tomo VII, p.706.

¹³ Em Buenos Aires, até finais dos anos noventa do século passado, a produção industrial estava baseada em pequenas oficinas.

que sacrificava seus membros mais novos e os mais desprotegidos.

Estas injustiças, e outras das quais ela mesma era vítima como mulher e filha de operários, conduziam-na, desde pequena, ao enfrentamento da autoridade com atitudes de inconformismo. Na escola isso resultava em constantes castigos por sua falta de atenção às professoras, que a viam como um ser irrequieto e incompreensível.

Será mesmo que os pais de Carolina Muzilli desejavam um filho que pudesse ampliar os recursos da família? Era possível que ela brincasse com outros rapazes e brigasse como um qualquer deles? O sentimento de revolta ante a injustiça começara a tomar forma desde a sua infância? As alternativas são plausíveis, embora não possamos afirmar que isto tenha acontecido com Carolina.

Os pais de famílias operárias viam na família numerosa uma forma de seguro para a velhice, quanto maior o número de homens, maiores as possibilidades de uma velhice relativamente tranqüila. Além do mais, um rapaz podia ganhar mais dinheiro, e mais rapidamente, do que uma moça, tornando-se uma pequena fonte de recursos aos oito ou dez anos e, aos quatorze ou quinze anos, com o aprendizado adiantado, a renda familiar crescia substancialmente. Carolina utiliza a escolha familiar do seu nome como uma prova do descaso dos pais para com uma menina:

Mi casa era muy humilde, tanto que el advenimiento de una hija mujer no podía inspirar mayor entusiasmo. Por esta razón, que tiene su raíz en las necesidades económicas ya que aún trabajando, nuestro aporte sigue siendo muy inferior al de los varones, papá debió dejar la solución de los problemas traídos por el alumbramiento a mamá y a las tías. Como todas ellas lloraban con las desventuras vividas con singular estoicismo por las

Carolina Muzilli

heroínas de las historias contadas por Carolina Invernizio... ¿Qué le parece mi deducción?¹⁴

Porém, não há rancor para com seus pais, simplesmente a constatação de uma realidade que considerava injusta. Como as heroínas de Carolina Invernizio, aceitava esse sentimento paterno, mas não aceitava a causa desse sentimento – que seu aporte ao orçamento familiar fosse inferior só pelo fato de ser mulher.

Outros argumentos também são factíveis. O discurso de seu biógrafo e as afirmações feitas por ela mesma à imprensa, já quando moça, parecem utilizados para mostrar a construção de uma personalidade que avança em um progresso constante e coerente em direção à futura militante socialista. Assim, seria necessário que ela tivesse um caráter forte e fosse suficientemente determinada para batalhar pelas suas idéias, mesmo num ambiente hostil, construindo, ou reconstruindo, uma imagem que a apresentasse como uma mulher que desde a infância estivesse determinada a defender não só os injustiçados sociais, mas também os injustiçados políticos. Essa seria a característica e a origem de sua veemência.¹⁵

A essencialização da militante, sua formação política, é paralela à sua formação como pessoa e, daí em diante, o comportamento é homogêneo, sempre disposta a trabalhar pelo que considera justo, embora contrariando a opinião geral. Estas menções às disputas com o mundo encobrem, em parte, sua

¹⁴ Entrevista feita para a *Revista P.B.T.* em 1910. Citada na biografia de Carolina Muzilli. COSENTINO, José A. *Carolina Muzilli*. Buenos Aires, CEAL, 1984, p.11.

¹⁵ Para mostrar as injustiças sofridas, Carolina narra uma anedota de quando tinha dez anos e na qual rejeitava a posição de sua professora e de suas colegas, defendendo Gaetano Bresci – anarquista que tinha matado o Rei da Itália, Humberto I –, o que lhe valeu a repulsa geral e o castigo das autoridades da escola. Ver COSENTINO, José A. *Carolina Muzilli*. Op.cit., p.13.

disputa dentro da família. Assim como sua mãe implica com sua indisciplina escolar, seu pai posteriormente implicaria com a sua militância socialista. Na lembrança da vida juvenil, ela não esquece das agruras que passou como estudante na Escuela Normal del Profesorado de Lenguas Vivas, onde enfrentou a futilidade e a constante hostilidade de suas colegas e professoras da classe média *porteña*.

Entre Gaetano Bresci e Edmondo D'Amicis

Como e quando Carolina Muzilli passa da rebeldia juvenil, ou da simples indisciplina, à militância política e social? A etapa prévia à decisão de ingressar no Partido Socialista é plena de encontros e conversas com conhecidas figuras anarquistas, socialistas e feministas. Na época do incidente pela defesa de Gaetano Bresci, Carolina é amparada da hostilidade das professoras por Mercedes Gauna de Maltagliata, inspetora escolar e anarquista. Tempo depois, aborrecida pela falta de sensibilidade de suas colegas do Profesorado de Lenguas Vivas, procura aconselhar-se com a feminista Mary Jav. Por ocasião de uma visita que fez à Escuela, conheceu o professor italiano Guglielmo Ferrero, para quem, a convite da direção da Escola, escreveu um discurso sobre caridade. Finalmente, já com dezessete anos, conhece a personalidade que tornou-se decisiva na sua vida política: Gabriela de Laperrière de Coni, com quem se aconselha para ingressar no Partido Socialista.¹⁶

¹⁶ Mercedes Gauna de Maltagliata, militante anarquista e membro da Liga Racionalista, apoiava a educação laica e a educação sexual feminina. Na época da Revolução Russa deixou, com Julio Barcos, líder da Liga, *La Protesta* para fundar o jornal *El Trabajo* em apoio à Revolução Bolchevique. Mary Jav era membro da Liga contra la trata de blancas. Guglielmo Ferrero, socialista, historiador e educador italiano, esteve na Argentina em 1907 para receber o Doutorado *Honoris Causa* da Universidad de La Plata. Gabriela de L. de Coni foi uma das primeiras mulheres a dedicar-se ao estudo do trabalho feminino e infantil e da legislação laboral existente, sendo nomeada inspetora *ad-honorem*

Carolina Muzilli

Dessas personalidades, na definição política de Carolina, Gabriela de L. de Coni é a mais importante. Suas pesquisas sociais e o encaminhamento do seu trabalho posterior foram delineados pelos esforços prévios de Coni. A relação estabelecida entre ambas foi breve. Carolina assistia assiduamente as palestras de Gabriela de Coni e este contato foi decisivo para sua filiação ao PS.

É relevante que este encontro tivesse lugar poucos meses antes da morte de Gabriela de L. de Coni, quando esta ainda continuava afastada do Partido Socialista.¹⁷ Foi esta uma tentativa posterior de Carolina de apresentar-se como herdeira de uma corrente feminina contestatória dentro do Socialismo? Não temos uma resposta precisa, aliás, as entrevistas de Carolina mostravam sua plena incorporação ao PS, sem atritos com a direção. É clara a linha de continuidade entre seus trabalhos e os de Coni, que terá lugar numa crise posterior e mais séria, mas, com certeza, esta não foi uma emulação voluntária.

Depois de seguir os conselhos de Coni – ler *La Vanguardia*, imprensa partidária do PS, os livros por ela recomendados e fazer um “exame de consciência” –, Carolina se decidiu pela filiação contra a vontade de seus pais, mas com o apoio de seus irmãos, principalmente José – o caçula.¹⁸ Decididamente, os pais não

da Municipalidad de Buenos Aires nas indústrias desta cidade para verificar o trabalho infantil e femenino. Ela fez a mais completa pesquisa sobre a questão no período.

¹⁷ A mais séria ruptura no Partido Socialista ocorreu em 1906. A tendência sindicalista inicia a edição de seu próprio periódico *La Acción Socialista* em 1905. Em 1906, no VII Congresso do PS, ante as críticas à tendência parlamentarista, foram “convidados” a criar um partido e fazer sua própria experiência. Entre os “convidados” estava a própria Gabriela de Coni e futuros dirigentes do Partido Comunista Argentino – Emilio Troise – e da Unión Cívica Radical – Julio Arraga. Outros dirigentes retornaram ao PS. Gabriela morreu no ano seguinte sem reconciliar-se com o PS.

¹⁸ O mesmo que ela cuidara quando criança e com quem tinha maior afinidade. Ele a seguiu em seu ingresso no socialismo e tornou-se jornalista, trabalhando na grande imprensa. Em 1910, José era suficientemente importante para

poderiam contar com a renda de uma filha rebelde e dedicada a outros afazeres que a atraíam mais do que o trabalho.¹⁹

A filiação realizou-se quando Carolina tinha dezoito anos (1907) num dos mais prestigiosos centros socialistas da época – Centro Socialista Obrero. Situado em pleno centro da cidade, lá podia se encontrar com frequência Juan B. Justo, fundador do PS, e Enrique Dickmann, um dos seus principais seguidores. Aí também se reunia a agrupação feminina, da qual ela rapidamente faria parte e se tornaria uma das suas integrantes mais ativas.

Neste período formativo, embora já dentro do Partido, outras personalidades marcaram a vida de Carolina e foram por ela mencionadas. Uma delas foi Gina Lombroso – militante feminista, filha do legista Césare Lombroso e esposa do líder socialista italiano Enrico Ferri –, que deu uma série de palestras em Buenos Aires, e o escritor socialista italiano Edmundo D’Amicis, autor, entre outras obras, do romance *Cuore*. Ela considerou suas dissertações em italiano, pronunciadas em vários círculos socialistas, como um dos mais fortes estímulos em direção ao Socialismo.

apresentar-se com Alfredo Palacios e Federico Cuneo. Conferencias. *La Razón*, 5/III/1910, p.3.

¹⁹ Esta opção de ruptura com os pais ou membros da família e a aliança com alguns dos irmãos pela atividade política é própria da época, dos temores à política e às práticas. A repressão aos socialistas era dura. Um fato similar constatamos tempo depois, com outra adolescente e, neste caso, militante anarquista – América Scarfó. No início dos anos 30, esta jovem uniu-se ao anarquista expropriador Severino Di Giovanni, tornando-se a redatora do periódico editado por ambos – *Anarchia*. Enquanto parte de sua família negava esta relação, três dos seus irmãos a apoiaram e um deles, Paulino, foi fuzilado junto a Severino. Cf. BAYER, Osvaldo. *Severino Di Giovanni. El idealista de la violencia*. Buenos Aires, Planeta, 1998. (1ª ed., 1970.)

Carolina Muzilli

O Partido Socialista

O que era o Partido Socialista? Quem eram os socialistas? O que significava ser socialista em princípios do século XX? O Partido Socialista Obrero Internacional foi fundado em 1894 e dividia-se em três pequenos grupos – os socialistas franceses de *Les Egaux*, os italianos do *Fascio dei lavoratori* e o Centro Socialista Obrero. Este nome foi mudado no ano seguinte para Partido Socialista Obrero Argentino com a incorporação de outras três organizações – os alemães do *Club Vorwärts*, o Centro Socialista Universitario, do qual participava o sociólogo José Ingenieros, e o Centro Socialista Revolucionario. Em 1896, data do Primeiro Congresso, dezenove grupos uniam-se no PS e, pelos nomes, percebe-se uma tendência a abandonar as referências nacionais e a agrupar-se por bairros, localidades ou atividades.

Por trás de toda esta trama de centros e grupos estava Juan B. Justo, médico cirurgião e grande figura do socialismo. Depois de participar da frustrada revolução de 1890, liderada por Leandro N. Alem e Hipolito Yrigoyen, desencantado com eles, empreendeu uma viagem pela Europa, onde conheceu Emile Vanderverle e Jean Jaurès, líderes do socialismo belga e francês, respectivamente. Suas influências foram o social-darwinismo de Herbert Spencer, o revisionismo de Eduard Bernstein e a moderação de Jaurès. Nessa viagem, ele fez a primeira tradução para o espanhol de *Das Kapital*, o que evidenciava seu conhecimento da obra de Karl Marx. Porém, o reformismo e o evolucionismo de Justo predominaram no Partido Socialista, cristalizando a elaboração que ele fez do programa do partido, tomando como exemplo o programa da Social-Democracia Alemã.

O reformismo e a estratégia parlamentarista do socialismo limitaram a aproximação de militantes operários, que preferiam a ação direta do anarquismo e do sindicalismo revolucionário inspirado em Sorel, ou ainda em manter-se independentes. A política do PS levou a enfrentamentos internos ao Partido. A

primeira dissidência foi manifestada pelos que questionavam o eleitoralismo, resultando, em 1899, na primeira fratura. Pouco tempo depois, outros grupos se retiraram e formaram a Federación Obrera Socialista Colectivista. Esta divisão, que durou pouco menos de um ano, preanunciava outras mais profundas, como a de 1906, na qual foi expulsa a tendência sindicalista.

Apesar das divisões e fraturas, o Socialismo crescia eleitoralmente. Em 1904, foi eleito o primeiro deputado socialista da América Latina, Alfredo Palácios, que apoiava a tática eleitoral. Deputado pela 4ª Circunscricção, San Juan Evangelista, mais conhecida como La Boca – “*Ahora la Boca tiene dientes*”, diria o dramaturgo Florencio Sanchez –, representava a principal concentração operária de Buenos Aires na época. Palácios não era um simples seguidor de Juan B. Justo. Embora partilhasse as linhas gerais do PS, ele defendia a incorporação ao ideário socialista local, aportes de pensadores argentinos como Mariano Moreno – liderança jacobina da Revolução da Independência, considerado por ele como um socialista *avant la lettre* –, Esteban Echeverría – escritor romântico e socialista utópico – e Bernardino Rivadavia – reformista liberal e primeiro presidente da Argentina entre 1826 e 1827. Só assim o socialismo não seria uma “flor exótica”. As características de Palácios – individualista, personalista, nacionalista e rebelde – provocariam conflitos no socialismo.

A via eleitoral do PS deteve sua marcha até 1912. Embora no período a quantidade total dos votos continuasse crescente, nenhum outro socialista foi eleito como deputado nacional. Em 1908 Palácios concluía seu mandato, deixando na gaveta inúmeros projetos rejeitados por outros partidos. Nesse período de fracassos eleitorais, várias tendências começaram a manifestar-se dentro do PS, a exemplo da tendência *isquierdista*, que passou a denominar-se, desde 1912, Centro de Estudios Carlos Marx.

Carolina Muzilli

Com a sanção da Lei *Saenz Peña*, de representação proporcional, o PS voltou a eleger deputados. Em 1912, os eleitos foram Juan B. Justo e, novamente, Alfredo Palacios, embora somente pela cidade de Buenos Aires. No ano seguinte, foi eleito Enrique del Valle Ibarlucea como Senador Nacional, também pela cidade de Buenos Aires e, em 1914, foram eleitos oito deputados nacionais. O Socialismo deslanchava então como uma força política, particularmente na cidade e na província de Buenos Aires.

Durante todo o período, o socialismo tentou impor uma série de reformas, principalmente na área do trabalho, ainda que quando aprovadas não fossem colocadas em prática. Ante esta realidade, os esforços de muitos dos militantes e intelectuais socialistas concentraram-se na participação das iniciativas ou das propostas que davam certo, ou ainda junto aos setores do Estado encarregados das reformas sociais, como acontecia com o Departamento Nacional de Higiene ou com o Departamento Nacional del Trabajo.

O Partido Socialista em tempos de Carolina

Carolina Muzilli participou de projetos junto aos setores reformistas do Partido e do Estado e, quando possível, preparava seus próprios projetos. Suas iniciativas foram múltiplas, principalmente desenvolvendo inquéritos destinados a estabelecer as condições do trabalho infantil e feminino e pesquisar o tipo de alimentação e de moradia que correspondia aos trabalhadores e como as mesmas afetavam o desenvolvimento da classe. A influência da religião, em especial nas mulheres, foi outra das temáticas que atraíram Carolina.

Essas preocupações apareceram nas páginas de vários jornais, mas *La Vanguardia* era o veículo habitual de seus artigos. Pelos seus trabalhos desenvolvidos no Primeiro Congresso da Criança (1912) – para o qual apresentou vários relatórios sobre o trabalho infantil, a desnutrição e a falta de acesso à educação –

foi convocada pelo Museo Social Argentino a escrever para a seção de Economia Social, representando a Argentina na exposição de 1913 em Gantes (Bélgica), desenvolvendo o tema do trabalho feminino e infantil. Ambas apresentações permitiram-lhe alcançar um ganho importante para qualquer mulher da época, a exemplo de sua nomeação como inspetora no DNT.

A denúncia era uma das armas centrais do PS, tanto para sensibilizar a opinião pública e o Estado, quanto para conscientizar operários e intelectuais, seus principais grupos de apoio. Neste aspecto, Carolina destacou-se pela prosa direta e agressiva. Desenvolveu um método próprio de pesquisa através da estatística social baseadas em censos, complementados por visitas a oficinas, fábricas, *conventillos* e outras moradias, fundamentando, assim, seus argumentos na medida em que dispunha de dados de primeira mão. Para ela, a estatística social tinha uma função central:

Los números son la fuente de todo conocimiento, yo parto de ellos en apoyo de lo que pretendo demostrar.

Necesario es hacer lo que llamaríamos una táctica de la historia: conocer a fondo todos los instrumentos de que nos valemos para realizarlas y adiestramos en su aplicación inteligente. Y ¿cómo lograrlo sin el empleo de la estadística social?

La estadística social debe llenar tres funciones: económica, antropológica y moral. La económica sería evidentemente la esencial, pues cuando es un hecho comprobado, las dos restantes estarán estrechamente ligadas a ella. **Saber cuanto gana una familia es generalmente saberlo todo. Y debería convencerse de esto con preferencia los legisladores, cuya función lejos de ser retórica debería fundamentarse en la estadística, única forma de ser eficaz.** Es indudable que no se puede realizar la obra de

Carolina Muzilli

elevación social en las tinieblas. Es necesario conocer los factores determinantes de la degeneración de la raza.²⁰

A estatística tinha função legitimadora entre os socialistas. A preocupação em não ser uma “flor exótica”, em apresentar a importância e a imprescindibilidade do PS, levava-os à produção e reprodução constante da informação objetiva e a demonstrar os estragos feitos pelo capitalismo nas famílias dos trabalhadores através do peso dos números. Esse tipo de trabalho já tinha sido desenvolvido pela inspiradora inicial de Carolina, Gabriela de L. de Coni²¹, e pelos anarquistas. A estatística social era uma forma de aproximar-se dos problemas da vida da “família operária”. Os católicos começaram a preocupar-se com a questão social após a Encíclica *Rerum Novarum* de Leon XIII (1891) e, em 1895, era constituída a Federación de Círculos Obreros Católicos. Entretanto, seu poder estava restrito a poucos deputados e alguns funcionários dentro do governo, especialmente no DNT. A este âmbito pertencia Alejandro Bunge, principal estatístico social do período.

A principal corrente reformista da Argentina na virada do século, até a ascensão do governo da UCR em 1916, estava nas Ciências Sociais e na Medicina. Várias teses foram apresentadas nas Faculdades de Advocacia, Economia e Medicina da Universidade de Buenos Aires. Muitos destes novos doutores passavam rapidamente a militar dentro dos quadros do Estado, por isso a tese mencionada de Alfredo Palacios foi rejeitada pela

²⁰ A primeira citação corresponde a uma entrevista dada por Carolina e citada por seu biógrafo. A Segunda é um trecho do artigo *La estadística social apud* COSENTINO, José A. *Carolina Muzilli*. Op.cit., pp.32, 33 e 110. (Grifo meu.)

²¹ CONI, Gabriela de L. de. *Proyecto de Ley del trabajo de la mujer y del niño en las fábricas Presentado a la Intendencia Municipal de Buenos Aires*. Buenos Aires, S/D, 1902. O resumo da pesquisa feita para a Municipalidad de Buenos Aires foi utilizado como fundamento para a mesma lei, finalmente aprovada em 1907.

sua radicalização e pela crítica feroz às classes dominantes. Esse tipo de preocupação não era uma exceção, estava inserida dentro de uma tradição reformista que os socialistas denominavam como *burguesía inteligente* e da qual saíram vários dirigentes do Partido Socialista. Esta tendência acadêmica do reformismo tinha como preocupação orientar as Ciências Sociais e o Estado no estudo dos problemas práticos, ou seja, dos problemas sociais, abandonando as abstrações e a especulação. Desta época datam a criação da Sección de Higiene Industrial do Departamento Nacional de Higiene, a apresentação da primeira *Ley del Trabajo* (1904), a fundação do Departamento Nacional del Trabajo (1907) e do Museo Social Argentino (1911), no qual Carolina apresentou o trabalho para a Exposição de Gantes.

Estes eram espaços de encontro entre os homens e mulheres do socialismo, do catolicismo e daqueles ligados ao Estado, que compartilhavam o controle de instituições fora da esfera da ação direta do Estado, como a Universidade e o próprio Museo. Somente no espaço mais amplo da Universidade, alguns anarquistas, a exemplo do italiano Pietro Gori, conseguiam expor suas idéias. Nas instituições oficiais, a participação dos socialistas era subordinada aos funcionários do Estado. Os anarquistas e, em alguns momentos, os próprios socialistas só entravam como objeto da repressão. Eles eram os agitadores que atrapalhavam o desenvolvimento das reformas sociais.

Carolina Muzilli não é uma estranha nesse ninho. É mais uma socialista procurando atingir os ideais da reforma social e é recebida nestes círculos. Ela é o veículo ideal para conhecer e coletar dados num ambiente hostil para os reformistas. Como operária e filha de operários ganhava confiança de suas depoentes sem maiores problemas. Esse pode ter sido um dos motivos pelo qual foi nomeada inspetora no DNT, aliado ao conhecimento detalhado da problemática do trabalho feminino. As dificuldades enfrentadas pelas operárias de oficinas e fábricas

Carolina Muzilli

ganhavam sua simpatia e sua ação, fosse para ajudá-las na sua organização ou para denunciar os abusos patronais ante as autoridades:

En el año 1912 se reunía en el salón de la “Federación Gráfica Bonaerense” un grupo numeroso de mujeres trabajadoras de este establecimiento [a lavandería “La Higiénica”], declaradas en huelga. Pobres y escualidas todas, marcadas con el estigma de las privaciones y del trabajo excesivo. Variaba la edad de ellas entre los doce y los cincuenta años. Nombraron para asesorarlas ante la gerencia del establecimiento a la doctora Julieta Lanteri Renshaw, a Enrique Barca y a quien escribe estas líneas [a propia Carolina]. Oímos de labios de las huelguistas la narración de las condiciones en que realizan su trabajo... siendo realmente horribles. Y no es que ellas mintieran, por cuanto hemos podido comprobarlo.²²

Carolina, nesta luta por conectar o âmbito das reformas com os que dela usufruíam, construiu suas próprias formas de comunicação. Dois registros conduzem à sua militância: a fala é destinada principalmente às operárias, procurando sua organização e conscientização; a escrita é para os intelectuais – artigos em jornais e o seu próprio jornal *Tribuna Femenina*. Para divulgar sua produção, participa da Universidad Libre de Buenos Aires e partilha a mesa de debates com intelectuais em ateneus e na própria Universidade de Buenos Aires, detalhando suas pesquisas para um auditório erudito. Assim, em *La estadística social*, chama a atenção desse público:

²² *apud* COSENTINO, José A. *Carolina Muzilli*. Op.cit., p.107. Enrique Barca era outro militante socialista. Julieta Lanteri Renshaw foi uma das mais ativas militantes feministas, membro por um tempo do PS, em 1918 criou seu próprio partido – Partido Feminista Nacional – e, nesse mesmo ano, foi candidata a deputada, uma forma de protesto e pressão para conseguir o voto feminino.

¿No hay acaso estudiantes que quieran a sus semejantes?

Que organicen, pues, el ejercito de vida , utilizando las armas de la ciencia y la razón y con ellas bajen valientemente al campo del trabajo y el dolor, donde se amasa con sudor y sangre el porvenir humano.

Y para el que caiga en la tarea, habrá un gajo de laurel y el recuerdo de sus semejantes más gloriosos que el laurel.²³

Alcançando este público, as reformas poderiam chegar mais rápido e sua concretização era importante para o Partido. Carolina e Palácios preocupavam-se com o socialismo, mas utilizavam o método das reformas graduais, o esclarecimento da *burguesía inteligente*, o combate à religião e a necessidade de educar o Soberano, o Povo. O caminho é o de inserir-se na estrutura do Estado e, desta maneira, poder manipular os interesses de classe do mesmo.

As reformas deveriam ser feitas durante a instauração do socialismo, diminuindo o enorme custo social da acumulação capitalista, tarefa que se impõe Carolina. Ela utiliza os textos e as teorias dos higienistas e reformistas para fundamentar suas próprias pesquisas. Os títulos de seus trabalhos são reveladores do esforço para transmitir o que acontece com os trabalhadores, especialmente com as mulheres.²⁴

As concepções eugênicas que permeiam sua obra são parte das idéias da Era das Reformas Liberais. Melhorar a raça significa, nesse contexto, uma boa alimentação, uma jornada de trabalho menor, diminuir a carga de trabalho excessiva, que

²³ *apud* COSENTINO, José A. *Carolina Muzilli*. Op.cit., p.33.

²⁴ Entre os artigos espalhados em vários periódicos estão: Por la riqueza física y mental del pueblo; La madre obrera, el menor obrero; El trabajo de la mujer y el niño; El alcoholismo; Por la salud de la raza; Estadística social; La mujer y la guerra; Alimentación deficiente, fatiga, mal alojamiento, ambiente de la fábrica; La maternidad no es delito; El espíritu nuevo y el prejuicio; Para que la Patria sea grande; El divorcio; e El trabajo femenino.

Carolina Muzilli

debilita as mulheres e as crianças, e acabar com as enfermidades profissionais – tuberculose – e as sociais – alcoolismo e enfermidades venéreas.

No trabalho de divulgação das aflições da mulher trabalhadora, Carolina teve a oportunidade, como muitos dos intelectuais *porteños* de princípios do século, de apresentar sua própria obra de teatro, uma obra de idéias, como foi qualificada, no Teatro Variedades do seu bairro – Constitución. Embora não se tenha registro da tal obra, é de se esperar que continue a denunciar os sofrimentos femininos. A representação teatral era uma prática comum na época, compartilhada por socialistas e anarquistas, um meio prático de passar suas preocupações e idéias para os trabalhadores. O teatro era uma das diversões de que dispunham os operários de Buenos Aires e uma via de conscientização do operariado.

Embora não tivesse escrito ficção além da peça de teatro, colaborou com Manuel Galvez – romancista, na época, ainda socialista – na elaboração do segundo êxito editorial deste autor. Depois de *La maestra normal*, que transformou-se num clássico no princípio do século, ele escreveu *Nacha Regules*. Nesta novela, ao tratar da vida e das dificuldades de uma vendedora de uma loja de departamentos e o seu posterior destino como prostituta, Carolina revelou detalhes do universo das vendedoras.

Do bairro ao Centro Femenino Socialista

Como mencionamos, as principais preocupações de Carolina Muzilli giraram em torno da mulher e da criança. Dentro do socialismo, Carolina mantinha uma dupla militância. Como membro de uma vizinhança, conservava sua filiação no Centro Socialista do bairro. Como mulher, participava da associação feminina do Socialismo – Centro Femenino Socialista –, que funcionava no centro de Buenos Aires, local do principal núcleo partidário – Centro Socialista Obrero –, no qual ela desenvolvera seus principais trabalhos.

O Centro Femenino Socialista foi fundado em 1901 pelas irmãs Chertkoff – Adela, Fenía e Mariana – e Raquel Caamaño, que se tornaria amiga e conselheira de Carolina. Neste Centro reuniam-se, entre outras, reconhecidas mulheres do socialismo da época: Gabriela de L. de Coni, Julieta Lanteri Renshaw – enquanto estiveram no PS –, Cecilia Grierson – primeira mulher a obter o diploma de médica na Argentina e participante do Segundo Congresso Internacional das Mulheres realizado em Londres em 1899 –, Elvira Rawson de Dellepiane – segunda médica argentina, educadora e, posteriormente, fundadora da Asociación pro derechos de la mujer –, Alicia Moreau de Justo – esposa de Juan B. Justo e a terceira médica –, Alfonsina Storni – poetisa – e Carolina Muzilli – costureira e jornalista.

O socialismo se apresentava como o *locus* ideal para colocar as reivindicações feministas. Desde seu Primeiro Congresso, o PS reivindicava o voto feminino, a igualdade dos sexos no Código Civil e o direito ao divórcio.²⁵ Foram incorporadas ao programa do Socialismo as investigações sobre a paternidade das crianças e a igualdade entre filhos legítimos e ilegítimos. Alfredo Palácios, porta-voz das mulheres no Congresso, articulava suas atividades na Câmara com as do Centro. Essas mulheres organizaram e confeccionaram suas reivindicações, proporcionando a Palácios avultadas estatísticas sobre as condições da mulher e da criança operária. O primeiro produto desta parceria foi a Lei 5.291, de 1907, regulamentando o trabalho da mulher e da criança que, embora aprovada, não foi respeitada.

As preocupações de Carolina, em concordância com as de suas colegas, estavam nas desigualdades, na exploração e na falta de organização sindical das mulheres que trabalhavam fora da sua casa ou na indústria doméstica. Porém, outras questões

²⁵ Em 1926 foi conseguida a igualdade civil dos sexos, em 1947 o voto feminino e em 1985 a Lei de Divórcio.

Carolina Muzilli

fora do âmbito econômico foram incluídas em seu campo de análise – o divórcio, a luta pelo reconhecimento da paternidade dos filhos de pai desconhecido e a religião. São estas preocupações unicamente femininas? Não parece ser assim, porém, as mulheres agiam, na medida em que eram diretamente prejudicadas pelo machismo da sociedade argentina do princípio do século.

Na produção feminista, o homem aparece como uma figura contraditória, alguns são iguais na luta, outros são opressores; a mulher aparece como vítima, um ser passivo nas mãos dos vários poderes masculinos. Assim, as reivindicações procuram, mais uma vez, sensibilizar os homens do PS e propõem as prováveis soluções na base da legislação vigente ou criada *ad hoc*. Carolina continua a apresentar o feminismo socialista como criador dos mecanismos de proteção das mulheres, mesmo que estes tivessem como propósito proteger os homens da concorrência “desleal” das mulheres, que recebiam salários inferiores pelas mesmas tarefas. É de autoria de Carolina Muzilli a resolução aprovada pelo X Congresso Nacional do PS, em janeiro de 1912:

Que la competencia hecha por el bajo salario femenino es la principal causa de la depresión de los salarios masculinos.

Que sin la participación activa en el movimiento de elevación de la clase obrera de... las mujeres trabajadoras, la acción del proletariado masculino se torna más dificultad y es paralizada por la desorganización de las obreras, el Partido Socialista reconoce como deber principal:

- 1.- Organizar a las mujeres trabajadoras en “Sindicatos Mixtos” en las industrias que empleen obreros de ambos sexos y en “Sindicatos femeninos” donde sólo haya empleadas mujeres;
- 2.- Promover una encuesta sobre el trabajo a domicilio y reglamentar las condiciones del mismo;

- 3.- Establecer la jornada máxima de 8 horas;
- 4.- Fijar un salario mínimo legal.²⁶

Sua argumentação sobre a importância da mulher na sociedade via na Grande Guerra uma oportunidade para demonstrar os avanços do seu sexo e a possibilidade de estar em pé de igualdade com o homem. A única justificativa dos homens para limitar os avanços das mulheres está no seu egoísmo, manifesto na brutalidade para submeter a mulher, e na própria deflagração da guerra.

Carolina se refere a brutalidade do Estado, da Igreja e das classes altas. A Liga Patriótica Argentina, força de choque do egoísmo das classes dominantes, negava os direitos às mulheres e aos operários. Os membros deste grupo contra-revolucionário atacaram jornais e locais operários em 1910, durante as comemorações da Revolução da Independência, dentre eles, *La Vanguardia*, onde Carolina enfrentou, com outras mulheres, os grupos conservadores.

O ano do Centenário, 1910, é um momento decisivo para a política – com o crescimento da intolerância política – e para o feminismo argentino. Se o feminismo tinha permanecido unido até o momento, duas tendências se diferenciaram claramente, uma preocupada em melhorar as condições de trabalho das mulheres, conquistar o voto e a libertação da mulher do paternalismo, outra, mais cautelosa, promovia uma melhora na condição das mulheres, mas não uma transformação no *status* social da mulher. Nesse período, Carolina as define sem ambigüidades e radicaliza uma das posições:

Yo llamo de feminismo de diletantes a aquel que sólo se interesa por la preocupación y el brillo de las mujeres intelectuales... Es hora de que el feminismo deportivo deje

²⁶ MUZILLI, Carolina. El trabajo femenino. *Boletín del Museo Social Argentino*, nº 15-16, Buenos Aires, 1913, Tomo II, p.87.

Carolina Muzilli

paso al verdadero que debe encuadrarse en la lucha de clases. De lo contrario será un movimiento “elitista” llamado a proteger a todas aquellas mujeres que hacen de la sumisión una renuncia a su derecho a una vida mejor. Abomino de la humildad por el simple motivo de mi apoyo a quienes exigen los bienes que les corresponden simplemente por vivir en un país donde se recita “todos son iguales ante la ley”.²⁷

Ambos os grupos organizaram congressos em maio, mês do Centenário, e coincidiram em mostrar as contribuições das mulheres à Argentina entre 1810 e 1910. Entretanto, os elementos que as separavam predominavam sobre os que as uniam. O primeiro congresso, realizado na primeira semana de maio de 1910 – *Conferencia del Consejo Nacional de las Mujeres* – foi organizado pelas católicas liberais, onde foram apresentados os ganhos das Sociedades Benéficas e das professoras de escola. As questões discutidas pautaram-se pela necessidade de criar oficinas para que as jovens trabalhadoras fugissem da influência do anarquismo e do socialismo, pressionar os jornais para que não publicassem notícias dos grupos anticlericais – novamente os anarquistas e os socialistas – e, por último, incrementar a presença das mulheres católicas na área da educação com o objetivo de gerar consciência cívica nas novas gerações, preocupação mais importante que o voto.

O segundo – Primer Congreso Feminista Internacional – foi organizado pela Asociación de Mujeres Universitarias, entre 18 e 23 de maio de 1910. Além das argentinas, participaram delegadas do Peru, Chile, Uruguai, Itália e Estados Unidos. Os debates giraram em torno da educação, do abandono de crianças e infanticídio, da condição legal da mulher, da sociedade em geral e, obviamente, da questão do voto feminino. A educação foi tema de enormes discussões pautadas pela sua utilização como

²⁷ *apud*. COSENTINO, José A. *Carolina Muzilli*. Op.cit., pp.18-19.

mecanismo para nacionalizar os imigrantes, proposta rejeitada pelas delegadas estrangeiras e fortemente defendida pelas do interior da Argentina. Entretanto, todas coincidiram em solicitar maiores possibilidades de acesso ao ensino técnico e científico. Carolina Muzilli foi uma das participantes nas discussões do direito civil e mostrou-se particularmente interessada na avançada legislação uruguaia que permitia o divórcio, argumentando que no Código Civil daquele momento a mulher era uma escrava do marido, a quem estava subordinada como uma criança. Raquel Messina, outra integrante do Centro Socialista Feminino, defendeu a necessidade do voto feminino – os legisladores liberais alegavam que o voto das mulheres favoreceria os reacionários candidatos católicos. Este congresso terminou com otimismo e promessas de reeditá-lo no Chile três anos depois. Mas, nessas condições, elas não podiam conseguir.

Bairro de tango sem luas e com mistérios

Aquela criança de Constitución convivía com os grandes nomes da política e do feminismo argentino, sem negar sua origem e sem esquecer sua procedência. Entendo que o fato de ter crescido na *calle* deu-lhe um senso de rebeldia ante à injustiça, mas também lhe ensinara como comportar-se num mundo dominado pelo homens.

Um tipo de poesia profana surgia neste período – o tango – e teve como tema a rua como escola de vida – “*universidad de la calle*”. Nessa visão, a *calle* ensinava como lidar com o mundo, como tratar as pessoas, mas também proporcionava um senso de autoconfiança e de honra, de respeito pelos iguais e de lealdade aos amigos e companheiros, ao mesmo tempo, pequenos desafios à autoridade e ao poder eram parte do código tácito das pessoas que passavam certo tempo de sua vida nas ruas de Buenos Aires. Esse era um mundo conservador e machista, mas respeitava aquele que sabia conquistar um lugar pelo seu próprio esforço. Para os homens de *la calle*, a própria mulher –irmã, mãe

Carolina Muzilli

ou namorada – tinha que ser íntegra, mas a honra da alheia não tinha muito valor. Um romance ocasional, ou a suspeita do mesmo, podia abalar a reputação de qualquer moça, seria um estigma que a acompanharia enquanto estivesse na vizinhança ou morasse sozinha. Como mostra *El porteño*, tango de 1903, a mulher com um romance comprovado só tinha um destino, assegurar *el puchero* – a alimentação – do *compadrito* mediante a prostituição:

Soy hijo de Buenos Aires,
me llaman el porteño
el criollo más compadrito
que en esta tierra nació. (...).
Soy terrible para el tango
y pa' engrupir a una mina
le hago un corte y se acabó (...).
No hay ninguno que me iguale
para enamorar mujeres
puro hablar de pareceres
puro filo y nada más.
Y antes de hacer la encanada
la filo de cuerpo entero
asegurando el puchero
con el viento que dará.²⁸

Carolina conseguiu um lugar neste mundo, mas o custo parece ter sido muito elevado. A honra de uma mulher era moeda de câmbio. Pela sua profissão de costureira e pela militância, esperava-se um cuidado maior em preservar sua imagem. Nem ela, o biógrafo ou os depoimentos sobre sua vida fazem qualquer menção a sua sexualidade ou a algum envolvimento amoroso, o que nos leva a pensar que ela conseguiu preservar sua intimidade mesmo sendo uma mulher pública.

²⁸ *apud* MASCIA, Alfredo. *Política y Tango*. Buenos Aires, Paidós, 1970, p.275.

O cuidado de Carolina com esta questão era extremo, tanto que não permitia nenhuma aproximação pública com um homem. Em 1911, no momento da chegada de Jean Jaures a Buenos Aires, ela foi convidada a fazer parte das honras da recepção. No momento da desconcentração, “esquecida” pelos dirigentes do PS no porto da cidade, um cronista do periódico anarquista *La Protesta* ofereceu-se para transportá-la, sendo recusado: “Fuimos despreciados con un adorable mohín, que nos hizo comprender que nunca los socialistas harán buenas migas con nosotros”.²⁹ Seria uma questão de incompatibilidade política ou preservação de seu decoro?

Encontramos apenas um registro referente a sua sexualidade, embora seguramente não deve ter sido a única vez a receber o epíteto de “machona”, isto é narrado por ela própria numa entrevista. Ela falava em um comício num bairro afastado, denunciando a exploração feminina e infantil, quando uma mulher acercou-se ao grupo para tirar dali seu filho: “– Vamos, que papá esta por llegar. Si no los encuentra se ligarán una ‘zurra’ mucho más si no han hecho los deberes por escuchar una ‘machona’ que seguramente no cree en Dios”.

Seria esta uma referência à sua sexualidade? Parece evidente que a *señora mamá*, como a denomina Carolina, está preocupada em desqualificá-la com um insulto comum às mulheres que realizavam atividades fora do esperado de sua condição feminina, ou seja, estar na sua casa ou, no máximo, no trabalho. Um outro “insulto” completa a cena, o de ateísmo, outra de suas preocupações como socialista³⁰ – a influência da religião sobre as mulheres.

²⁹ MORILLO, Jaime. Jaures llegó. *La Protesta*, 26/IX/1911.

³⁰ O laicismo era uma das premissas fundantes do socialismo argentino, mas era compartilhado por grande número dos membros da classe dominante. Se a chamada “Generación del’80” tinha separado a Igreja do Estado, com o estabelecimento do ensino público e do casamento civil, entre outras medidas, o socialismo fazia questão de mostrar seu ateísmo. É famosa a anedota do primeiro juramento de Alfredo Palacios como deputado. A forma corrente para o mesmo

Carolina Muzilli

A religião é vista por ela como a força retardatária por excelência. O esforço da religião centra-se principalmente na educação feminina, que seria reproduzida nos filhos, condicionando suas atitudes posteriores. A união entre Igreja e damas de beneficência era o mecanismo ideal de exploração das mulheres, manifestando-se na reclusão das jovens em oficinas eclesiais em benefício das damas da alta sociedade, que recebiam os produtos das trabalhadoras a um custo muito baixo:

¡Cuanto contraste entre las mujeres ricas que “inventan” colectas para distraer sus ocios y estas pobres obreras, doblemente explotadas, las que antes que trabajar para sí, en cada minuto que pasa, apuntalan y enriquecen a las congregaciones, que en virtud de la excención de impuestos y en especial por las causas arriba señaladas, establecen una competencia ruinosa en la industria y en el comercio, competencia que escuda la ambición del patrono de rebajar constantemente el salario de sus obrera!

Ellas, las ricas damas, consumiendo en fiestas y en la ociosidad cuanto producen sus “beneficiadas”. ¡Y no sólo consumen sus salarios sino que estrujan y destruyen la vida de estas pobre obreras!

(...) ¡Ah! pero no olvidemos que esto tiene un atenuante y su absolución: la religión y el confesor (...).³¹

era: “Por Dios y los Santos Evangelios”. Ele atrasou o funcionamento do Congresso até ser atendido o seu pedido, baseado na liberdade de cultos existente, de poder jurar: “por la Patria y por mi honor”.

³¹ MUZILLI, Carolina. *El trabajo femenino*. Buenos Aires, L. J. Rosso y Cía, 1916, pp.10-11.

Destino de costureira: a tuberculose

Hoy la mujer presta servicios en la municipalidad, en el correo, en la aduana, en el telégrafo y en diversas reparticiones públicas. Tiene, además exclusivamente a su cargo el servicio de los teléfonos. Todo este censo fue también compilado por manos femeninas. Aparte de su misión de maestra, para la que se encuentra admirablemente preparada, la mujer se abre cada día más camino en las industrias, en el comercio, en las profesiones. El empleo de dactilógrafa está casi reservado para la mujer... Existen mujeres médicas, masajistas, traductoras, abogadas, doctoras en letras, contadoras, notarias, etc.³²

O Censo mostra o “avanço” das mulheres no mundo do trabalho, que freqüentemente ocupavam os últimos lugares das escalas de trabalho na indústria, no comércio e no setor de serviços. As escolas de formação profissional apontavam nesta direção. Carolina não foi uma exceção, ela não só foi uma feminista ativa ou uma socialista convicta, mas também fez parte deste exército de trabalhadoras que, com seus baixos salários, eram a fonte de riqueza dos industriais e dos comerciantes ligados ao crescente mercado urbano. Embora desde 1912 fosse inspetora do DNT e escrevesse artigos para *La Vanguardia*, neste último como parte da sua militância e não como integrante do *staff* do jornal, sua principal fonte de renda provinha de seu trabalho como costureira, integrando uma indústria invisível – a indústria doméstica.

Diferente da indústria baseada em fábricas ou oficinas, a indústria doméstica dependia da mediação do *contratista* entre a fábrica e o operário. Nesta, o trabalhador, geralmente uma

³² REPÚBLICA ARGENTINA. *Tercer Censo Nacional de la República Argentina (1914)*, Buenos Aires, 1916.

Carolina Muzilli

mulher, tinha uma certa autonomia em sua atividade e aproveitava para descansar ou comer, para regular sua atividade – no caso de Carolina para editar o jornal *La Tribuna Femenina* – o que levava à auto-exploração. As grandes alfaiatarias, sapatarias e lojas de departamentos se valiam desse sistema. As costureiras eram ainda mais exploradas do que aqueles que trabalhavam em oficinas, sem direitos e organização sindical, estavam atadas ao *contratista*, que fixava os preços e prazos de entrega. Os grêmios e sindicatos queixavam-se amargamente desta forma de trabalho, porque a entendiam como uma forma de quebrar as organizações em tempos de baixa do trabalho e de greves e, ao mesmo tempo, criava um senso individualista. Este não era um trabalho constante, os trabalhadores tinham que tirar o máximo de proveito nos picos de demanda e, para a maioria, o trabalho era escasso, alguns trabalhavam poucos meses no ano. Vítimas da necessidade, muitas dessas trabalhadoras terminavam suas vidas sob o peso da tuberculose, como a própria Carolina.

Essa profissão lhe permitia sustentar *La Tribuna Femenina*, jornal no qual escrevia várias de suas notas, dirigia, editava e também o vendia em bares e cafés de Buenos Aires, ou nos festivais e *tertulias* organizadas pelo PS. *La Tribuna Femenina* era veículo de suas campanhas a favor do divórcio, da organização das mulheres trabalhadoras, do voto feminino, do reconhecimento das crianças sem pai, da luta contra a Igreja, etc. Para mantê-lo contava com o apoio de outras mulheres do Centro Femenino Socialista, que organizavam recitais em benefício de *La Tribuna*. Alfonsina Storni, poetisa e jornalista, colaborava freqüentemente com ela, escrevendo artigos ou participando nesses recitais.

Como Carolina contraiu a tuberculose – no seu trabalho como costureira ou durante as visitas às oficinas e fábricas? Alicia Moreau de Justo apontava o contato com as operárias, no seu trabalho como inspetora do DNT, como causa da doença, outros amigos mais próximos – Arnaldo Zibechi e Adela di Carlo –

colocavam a debilidade no trabalho insalubre – encerrada num pequeno quarto da sua casa, sobrecarregada de obrigações, não teria suportado a carga de trabalho. Sua amiga, Raquel Caamaño também tinha morrido de tuberculose. O destino de Carolina, comum a uma parte das trabalhadoras a domicílio³³, foi retratado pelos poetas populares da época:

Residuo de Fábrica (Evaristo Carriego)

Hoy ha tosido mucho. Van dos noches
que no puede dormir; noches fatales,
en esa oscura pieza donde pasa
sus amargos días sin quejarse.
El taller la enfermó, y así, vencida
en plena juventud, quizás no sabe
de una hermosa esperanza que acariciaba
sus largos sufrimientos de incurable.
Abandonada siempre, son sus horas
como su enfermedad interminable.
Sólo, a ratos, el padre se le acerca
cuando llega borracho, por la tarde...
Pero es para decirle lo de siempre
el invariable insulto, el mismo ultraje:
ile reprocha el dinero que le cuesta
y la llama haragana, el miserable!
Ha tosido de nuevo. El hermanito
que a veces en la pieza se distrae
jugando, sin hablarle, se ha quedado
de pronto como si pensase...

³³ Em 1913, uma estatística do DNT, registrava que 17,5% das trabalhadoras do setor apresentavam problemas de saúde e 8,74% estavam diretamente enfermas. *Boletín del DNT n° 25, Diciembre de 1913 – apud FALCÓN, Ricardo. El mundo del trabajo urbano (1890-1914)*. Buenos Aires, CEAL, 1986, p.51. Gabriela de L. de Coni via nesses esforços feitos pelas trabalhadoras a domicílio a causa que as levava a tuberculose. Cf. CONI, Gabriela de L. de. Causas de la tuberculosis en la mujer y en el niño obreros. *Boletín del museo Social Argentino* n°s 81-84, 1918, tomo VII, p.691.

Carolina Muzilli

Después se ha levantado, y bruscamente
se ha ido murmurado al alejarse,
con algo de pesar y mucho asco;
Qué puerca, otra vez escupe sangre...³⁴

La dactilografía tuberculosa (Nicolas Olivari)

Esta doncella tísica y asexuada
esta mujer de senos inapetentes
– rosicler en los huesos de su cara granulada
y ganchuda su nariz ya transparente.

Esta pobre yegua flaca y trabajada,
con los dedos espatulados de tanto teclear,
esta pobre mujer invertebrada,
tiene que trabajar.

Esta pobre nena descuajeringada,
con sus ancas sutiles de alfiler,
tiene el alma tumefacta y rezagada
¡y se empeña en comer!

Yo la amé cuatro meses con los ojos
con mis ojos de perro triste y vagabundo,
cuando le miraban los pómulos rojos,
¡iqué dolor profundo!

Un día juntamos hombro a hombro, nuestra desdicha,
– vivimos dos meses en un cuchitril –
en su beso salivoso, naufragó la dicha
y el ansia de vivir.

Una tarde sin historia, una tarde cualquiera,
murió clasicamente en un hospital.
(Bella burguesita que a mi lado pasas, cambia de acera,
porque voy a putear).³⁵

³⁴ Citado por VIÑAS, David. *Anarquistas en América Latina*. México, Katún, 1983, pp.188 y 189. Originalmente publicado en *La musa del arrabal*, em 1913.

³⁵ Citado por MAFUD, Julio. *La vida obrera en la Argentina*. Buenos Aires, Proyección, 1976, p.234.

Triste, solitária e final

A saída de cena de Carolina produziu-se aos poucos, foi apagando-se devagar. Durante a Grande Guerra suas aparições foram decrescendo. Continuou com *La Tribuna Femenina*, as pesquisas *in situ* reduziram sua intensidade e pode dedicar mais tempo a escrever.

Mesmo com o avanço da tuberculose, Carolina teve fôlego para uma última empreitada política. Em 1915, uma série de pequenas brigas internas eclodiram no interior do PS, finalmente, o individualismo de Palácios detonou uma crise que o manteria afastado do partido por um longo período. Expulso por ter aceitado duelar com seus adversários, renunciou ao cargo de deputado. Nessa separação, que durou até 1931, muitos militantes o acompanharam. Carolina estava na organização da seção feminina do novo Partido Socialista Argentino (PSA). O apoio a Palácios não foi bem visto pelos antigos companheiros e ela chegou a ser agredida nos últimos dias que passou em Buenos Aires para a celebração do 1º de maio de 1916. Embora afastada do PS, continuou a escrever artigos para *La Vanguardia*, deixando vários inéditos antes de partir a procura do ar puro das serras.

Carolina Muzilli morreu em 23 de março de 1917 no pequeno povoado de Bialet Masse, em Córdoba, um dos locais escolhidos pelos tuberculosos, morreu acompanhada unicamente do seu irmão José. Sua morte coincidia com a ascensão de Kerensky e o fim da dinastia dos Romanoff, Lenin estava pronto para atravessar a Alemanha; uma greve marítima parava 15 mil operários no porto de Buenos Aires. *La Vanguardia* dedicou-lhe algumas linhas e continuou a publicar os artigos inéditos de Carolina. Outros jornais também noticiaram.

Carolina Muzilli

Uma mulher de um bairro *porteño*

Carolina Muzilli não foi um ser extraordinário, não esteve às margens de sua sociedade, nem freqüentou o diferente. Carolina foi uma mulher, como outras aqui mencionadas, que tentou esticar os limites impostos a ela, a sua classe e a outras mulheres. Defrontou-se com os preconceitos, mas não escapou dos mesmos para pensar uma outra sociedade, os usou quando foi preciso para enfrentar seus adversários.

Carolina não fez nada extraordinário, só tentou mostrar os padecimentos de mulheres e crianças nas mãos do Capital. Mas o fez com limites, reclamando o direito à maternidade e ao descanso dominical, lutando pela diminuição do grau de exploração e pelo direito à educação. Agiu num meio pacato e machista e é muito provável que não tenha conseguido escapar desse clima. Este ensaio, não tenta apresentar uma mulher única, mas sim Carolina Muzilli, uma mulher agindo numa determinada sociedade.